



Vol. 7 nº 14 jul./dez. 2012
p. 21-29

UMA PEDAGOGIA DA CULPA: APONTAMENTOS SOBRE A EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS NA IDADE MÉDIA

PEDAGOGY OF GUILT: OBSERVATIONS
UPON CHILDREN EDUCATION IN MIDDLE
AGE

Adriano Machado Oliveira¹
(Universidade Federal de Tocantis)

RESUMO: No presente trabalho, o autor efetua uma análise teórico-reflexiva acerca da constituição de uma pedagogia cristã da alta idade média até a baixa idade média. A partir de fontes históricas registradas principalmente pela historiografia francesa, buscou-se então uma caracterização do contexto educativo medieval e suas possíveis repercussões para a educação de crianças. Nesse contexto, destacam-se as conceituações de pecado, inferno e diabo, as quais foram reiteradamente utilizadas com vistas a domesticar os comportamentos e doutrinar as consciências individuais. Como resultado dessa pedagogia austera, destacam-se a difusão do medo e da culpa como disposições comportamentais legitimadas socialmente, e a produção de uma matriz culpabilizante no sujeito ocidental que pode ter influenciado significativamente as práticas educacionais religiosas e laicas, na educação de crianças, para além da idade média.

PALAVRAS-CHAVE: História da Educação – Pecado – Culpabilização – Cristianismo

ABSTRACT: In the current paper, the author carried out a reflexive-theoretical analysis upon the Christian Pedagogy constitution from High Middle Age to Low Middle Age. Through this historical issues recorded mainly by French historiography, it was sought to characterize the medieval educational context and its implications to children education. In this context, it is detached the concepts of sin, hell and devil, which were repeatedly utilized in order to tame behavior and indoctrinate the individual consciences. As result from his austere pedagogy, it was highlighted the fear and guilty diffusion as social legitimated behavior dispositions, and the production of a blame matrix into the western subject that can have meaningfully influenced on religious and secular education practices, on children education, beyond the Middle Age.

KEYWORDS: Education History – Sin – Blame – Christianity

INTRODUÇÃO

Segundo o historiador Franco Cambi (1999, p.123), o cristianismo se revelou ao longo dos séculos “... *uma revolução pedagógica e educativa, que durante muito tempo irá marcar o Ocidente, constituindo uma das suas complexas, mas fundamentais, matrizes*”. De posse dessa afirmação, podemos indagar: em que consiste essa matriz cristã, em termos educacionais? Como essa pedagogia se fez presente nas práticas educativas, notadamente em seu curso inicial?

Em busca de respostas a essas indagações, optamos por investigar na historiografia sobre a Idade Média os fundamentos das práticas pedagógicas instituídas pelo cristianismo, nas quais se fazem notadamente presentes as concepções de pecado e a conceituação de uma divindade onipresente e punitiva. Isto significa, pois, que delimitamos o início da Alta Idade Média (séc.V-X d.C.) como marco compreensivo de uma incipiente institucionalização da educação de crianças, na abordagem cristã, para seguirmos então em direção ao seu pleno desenvolvimento ao longo da Idade Média Central (séc.XI-XIII) e Baixa Idade Média (séc.XIV-XV), conforme apontam inúmeros historiadores (Costa, 2003, 2002; Delumeau, 2003; Le Goff e Schmitt, 2002; Le Goff, 1994). Nosso interesse na matriz histórica medieval se deve, principalmente, pelos indícios de que a culpabilização social empreendida por clérigos católicos e protestantes, ao longo dos séculos XVI e XVIII (Delumeau, 2003), ter sido levada à cabo devido a um longo processo anterior, educativo e doutrinário, ocorridos durante séculos de teorização cristã medieval. Desse modo, analisar os conceitos principais levados a crianças e adultos daquele período, não somente nos remete para a compreensão do alcance pedagógico do cristianismo católico e suas conseqüências, mas nos transporta para as origens do pensamento ocidental, forjado em meio ao medo e a culpa pelo pecado.

OS MONASTÉRIOS DA ALTA IDADE MÉDIA: ENTRE A PROTEÇÃO E A TRANSMISSÃO DE CONCEITOS CRISTÃOS.

De acordo com Costa (2002), os monges criaram verdadeiros ‘jardins de infância’ nos mosteiros, recebendo indistintamente todas as crianças entregues, vestindo-as, alimentando-as e educando-as, num sistema integral de formação educacional.

Lá elas eram criadas até a idade de quinze anos, sendo previstos castigos, como preconizava a regra de São Bento, através de jejuns e varas, pancadas em crianças que não recitavam corretamente um Salmo (Ibid.). Como era de se esperar, esta metodologia educacional tinha como inspiração preceitos bíblicos: “*Não retires da criança a disciplina, pois, se a fustigares com a vara não morrerás. Tu a fustigarás com a vara e livrarás a sua alma do inferno*” (Prov., 23.13-14). O ocidente se encontrava, pois, “*...diante do ‘monopólio eclesiástico da educação’... como ideal e como retículo de instituições educativas...*” (Cambi, 1999, p.158).

O empreendimento educativo que se delineava sob a influência do monasticismo enquadrava o menino-monge em uma cultura ascética, na qual predominavam as leituras sagradas, visando-se uma formação espiritual, a qual teve no imperador Carlos Magno (788), um de seus defensores, ao sancionar o modelo beneditino como “*... regra primária de seus domínios*” (Ibid.,Ibidem.).

A dura realidade das crianças na Alta Idade Média, por sua vez, vítimas de infanticídio, rejeição pela família, troca ou venda para a prostituição (Costa, 2002), fazia com que a educação recebida pelo jovem ao sair do mosteiro fosse vista com grande satisfação pelo egresso, como vemos nas palavras de São Cesário de Arles (470-542 d.C):

Essa ilha santa acolheu minha pequenez nos braços de seu afeto. Como uma mãe ilustre e sem igual e como uma ama-de-leite que dispensa a todos os bens, ela se esforçou para me educar e me alimentar (Cessagne apud Costa, 2002)

Em outro jovem, Waladried Strabo (806-849 d.C), observamos o mesmo contentamento em ter feito parte do educandário cristão, nas páginas de seu Diário de um Estudante (apud Manacorda, 2001, p.135):

... havia muitos outros meninos da minha idade, de origem ilustre ou modesta, que, porém, estavam mais adiantados do que eu. A bondosa ajuda do mestre e o orgulho, juntos, levaram-me a enfrentar com zelo as minhas tarefas, tanto que após algumas semanas conseguia ler bastante corretamente (...). Depois recebi um livrinho em alemão, que me custou muito sacrifício para ler mas, em troca, deu-me uma grande alegria...

Para Costa (2002), estes mosteiros tiveram um sentido civilizacional, pois proporcionavam às crianças e aos jovens uma disciplina e formação moral e ética, em contrapartida com o mundo exterior e desprotegido, onde a realidade para as crianças era geralmente cruel. Daí podemos apreender a magnitude da influência do pensamento religioso do cristianismo sobre a população, no que se refere ao espaço do século V ao século X, no qual a educação nos mosteiros prevaleceu, acolhendo crianças de todas as origens sociais. Ela foi o instrumento moral de boa parte dos sujeitos, difundindo o conceito de uma divindade punitiva até o início da Idade Média Central.

A TEORIZAÇÃO SOBRE O PECADO: FUNDAMENTO DA PEDAGOGIA CRISTÃ MEDIEVAL

A idéia de pecado tem sua origem com o mito bíblico de Adão, o qual desobedecendo a Deus é expulso juntamente com Eva do paraíso. Este pecado original desempenhou um papel fundamental na sua concepção medieval e cristã, sendo "...*decisivo e dramático porque se transmite de Adão a todos os outros homens, tornando-se causa e princípio de outros pecados*" (Le Goff e Schimitt, 2002, p.339). A partir dele, todos os indivíduos, indistintamente, são culpabilizados desde o nascimento, sem ao menos terem cometido um erro sequer em vida. Torna-se a matriz, a fonte impura causa de tantos outros pecados, dado que o homem está "*preso a essa concupiscência em meio à qual foi gerado*" (Ibid., p.340). Segundo Le Goff e Schimitt (2002), o termo concupiscência remete ao desejo culpável, manifestação da alma pecadora. Ele expressa, assim, a noção de uma culpabilidade interiorizada, enquanto o termo *carnis* (completando o termo concupiscência da carne), desvia o pecado para o corpo, demarcando-o como o lugar das tentações e seu instrumento.

Esta vinculação arbitrária da natureza humana ao mito bíblico de Adão, símbolo

do primeiro ato de desacato às ordens divinas, seria a fundadora de uma idéia culpabilizante que viria a ser teorizada por séculos. O pecado original tal como proposto no Gênesis, no entanto, consistia em um pecado do espírito, ou seja, a manifestar-se na busca do apetite do saber e na desobediência a Deus (Bottéro apud Le Goff, 1994). Vale ressaltar ainda que não há nos livros do Novo Testamento, longamente difundidos por pastorais católicas e mais tarde protestantes, qualquer menção de orientações da figura de Jesus Cristo sobre o pecado original (Ibid.).

Notadamente, foi Santo Agostinho quem definitivamente ligou o pecado original à sexualidade, entre 395 e 430 d.C., afirmando que “... a *concupiscência transmite o pecado original: desde os filhos de Adão e Eva que o pecado original é legado ao homem...*” (Le Goff, 1994). Para ele, “o *pecado é toda ação, palavra ou cupidez contra a lei eterna*” (*Contra Faustum*, apud Delumeau, 2003, vol.I, p.362). Sua teorização sobre o pecado original, fruto da tentativa de se conciliar em um quadro doutrinal a maldade humana com a presença da divindade “... *pesa como uma rocha ao longo do período medieval*” (Le Goff e Schmitt, 2002, p.340).

Dentro deste quadro de teorização, para Delumeau (2003, vol.I, p.468),

... não é exagerado afirmar que o debate sobre o pecado original com seus diversos subprodutos...tornou-se então uma das preocupações principais da civilização ocidental e abrangeu finalmente todo mundo, desde teólogos até os mais modestos camponeses.

Não bastasse o vínculo indissolúvel entre o sujeito e a figura de Adão – tornandonos culpados desde o início da existência - , e a observância rigorosa dos atos praticados no mundo, sendo este “*um local de combate contra o Diabo, um combate pela salvação da alma*” (Le Goff apud Costa, 2003), São Tomás de Aquino estabelece a noção do pecado por omissão. Ela foi um importante acontecimento na história da noção do pecado, pois a nova proposta “... *não deixou – e não cessou – de marcar a consciência ocidental*” (Delumeau, vol.I, p.363).

Exemplo disso é a presença do pecado por omissão no imaginário europeu de fins

do século XV, como pode ser observado nesta pintura de Bosch (1450-1516), intitulada A Morte e o Avaro (1490):



Nela se observa o que espera o homem que em vida se omitiu de auxiliar seus semelhantes, entesourando seu dinheiro fruto da usura, "... *um dos temas mais recorrentes na iconografia medieval a respeito da morte...*" (Costa, 2003). À esquerda do pecador se encontram vários seres estranhos, por todo o quarto, dentre eles um ser maléfico que segura uma espécie de flecha e pequenos demônios (Ibid.), indiferentes à luz lançada pelo Cristo crucificado ao homem em seu leito.

Todo esse processo o qual disseminava a idéia do exame de consciência, engendrando sem dúvida o sentimento de culpa - o mal-estar a cada ato praticado em discordância com preceitos morais pré-estabelecidos - , não se distanciou da educação

das crianças.

ENTRE A CULPA E O MEDO

A criança foi objeto de uma educação em que a noção de culpa aparece de forma marcante. Isto se dá principalmente em relação às representações do além, com suas dores e desesperos para aqueles que foram pecadores no mundo.

No livro *Doutrina para Crianças* (concluído entre 1274-1276), de Ramon Llull (1232-1316), o autor explica a seus filho o porque do temor à morte e a necessidade de se temer a Deus:

Filho, sabes por que a morte é temível? Porque não podes fugir dela e não sabes quando ela te levará. Assim, se temes a morte, que não pode te matar mas somente teu corpo, temerás a Deus, filho, que pode colocar teu corpo e tua alma no fogo perdurável (Llull, *Doutrina para Crianças*, cap.XXXVI, apud Costa, 2003).

Neste período, tal era a relevância do momento da morte, que sua ocorrência era um evento público, onde toda a família participava (Duby apud Costa, 2003), sendo a presença das crianças incentivada, a fim de acompanharem a passagem do falecido para o além (Ariés apud Costa, 2003). Tamanho era o seu caráter ritual que os medievais a tinham como "... *momento máximo do convívio social*" (Duby apud Costa, 2003).

Em outro trecho do livro *Doutrina para Crianças*, o pai explica ao filho de dez anos a representação do inferno:

Filho, para que tenhas temor do fogo infernal que dura todo o tempo, vê a fomalha onde fazem o vidro e o forno onde cozinham o pão, e considera estar uma hora naquele fogo (...) Quando vires fundir o chumbo, o ouro e a prata, imagina um buraco cheio de chumbo ou ouro fundido. Se tu estivesses na boca desse buraco, terias pavor quando te ligassem as mãos e os pés e o colocassem em um saco, amarrando uma grande pedra em teu colo e te jogando no buraco. Logo, tenhas pavor, filho, desse fosso cheio de ouro e prata fundida, onde estão os homens que por ouro e prata perderam a glória de Deus (Llull, *Doutrina para Crianças*, cap.XCIX, apud Costa, 2003).

Essas advertências, sem dúvida, acabavam por infundir na mente da criança as primeiras noções de culpabilidade, sementes do desenvolvimento de um mal-estar interior diante das possibilidades de castigo por um Deus punitivo. Sob as impressões de fortes alegorias, como as citadas acima, milhares de crianças foram educadas – ou seja, incentivadas constantemente ao exame de consciência de seus atos. Esta constante lembrança do além, na pedagogia cristã da Idade Média, "... *domesticava os espíritos...*

mostrava-os que esse tempo era efêmero, que deveriam se preocupar com a salvação de suas almas" (Costa, 2003).

Com vistas a dar sustentação a sua pregação, por volta do ano 1000 d.C., a igreja racionaliza e institucionaliza a figura do diabo, que será então "*... flagelo de Deus, general de um exército de demônios bem organizados, chefe em suas terras, o Inferno... maestro do imaginário feudal*" (Le Goff, 2004, p.67). A partir deste momento, ao lado do "*... anjo da guarda encarregado de velar por cada cristão, faz frente um diabo cuja missão é induzi-lo ao mal*" (Baschet, 2002, p.327).

O diabo teria a função de expressar tudo o que a consciência não é capaz de aceitar como atributo seu (e nem de Deus) – transpondo-o para o impessoal, para o sobrenatural - , "*... tudo o que ela julga negativo, hostil, e que deve ser rejeitado, colocado fora de si*" (Ibid., p.328). O surgimento deste ser antropomórfico e maléfico como um mecanismo de projeção psicológica não causaria surpresa em um universo onde o mundo era desprezado insistentemente e, principalmente, no qual homens, mulheres e crianças eram convidados ao exame rigoroso de seus atos e pensamentos. Até mesmo o casamento era recriminado, sendo "*... apenas uma concessão para aqueles que não conseguissem se controlar: o celibato continuava muito superior e preferível*" (Franco Jr., 1986, p.162).

Tamanha repressão dava lugar a uma consciência atormentada, e agora perseguida por uma força hostil, como ressalta a análise de Baschet (2002, p.328):

... a crença no Diabo é expressão de uma consciência individual necessariamente culpável, atormentada e dividida. A consciência cristã encontra em si um mal que é preciso repelir, que ela pode em parte atribuir às tentações do Diabo e combater como um inimigo exterior. O Diabo atormenta a consciência, mas ao mesmo tempo a ajuda a se constituir no interior de um universo dual no qual se opõem o bem e o mal, Deus e Satã, o anjo da guarda e o diabo pessoal.

Inserida nesse universo dualista, a orientação pedagógica abaixo traz em vivas cores a idéia de inferno e a figura instituída do diabo, de modo que a criança possa comparar o quadro narrado com situações de sua localidade:

Quando fores para fora dos muros da cidade e encontrares as bestas mortas que o homem expulsa para o vale, verá muitos cães, grandes e pequenos, que roerão aquelas bestas, as orelhas, os olhos, a cara, os braços e as pernas, e entrarão no ventre e roerão seus ossos e comerão seu coração e suas entranhas, então é certo, filho, que cogites nos infernados, que estarão pelos campos e virão os demônios semelhantes aos cães, leões e serpentes, e morderão aqueles homens, suas cabeças, seus braços e seus membros e não poderão morrer nem escapar daquela pena (Llull, Doutrina para

Crianças, cap.XCIX, apud Costa, 2003).

Todas essas representações parecem hoje aterrorizantes para uma criança de dez anos. Naquele período, no entanto, elas se faziam perfeitamente apropriadas aos objetivos educacionais que se tinham em vista, dentre os quais a salvação da alma era o principal deles (Costa, 2003). Conforme afirma Delumeau (2003, vol.I, p.460), ao avaliar as repercussões das teorizações cristãs da Idade Média, "*quando começa o século XVI, a Igreja Católica julga ter terminado a identificação das diversas formas do mal e dos múltiplos caminhos utilizados pela tentação*". As bases teóricas para o estabelecimento do sentimento de culpa no seio de toda uma cultura estavam lançadas. Era tarefa da criança e de todo cristão examinar sua conduta diariamente, a fim de verificar se não pecara contra Deus, e caso o fizesse, podemos supor que uma tensão logo se instalava nos sujeitos, forjados desde cedo em um imaginário medieval repleto de imagens de punições e expiações sem conta, enumerados constantemente por pregadores e relembrados pelas próprias famílias no cotidiano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As práticas pedagógicas cristãs, empreendidas durante a Idade Média, em diferentes períodos, serviram de elemento importante para que a igreja católica prosseguisse com sua hegemonia nos territórios de sua influência. Para além disso, pode-se inferir, marcam a consciência do homem ocidental com uma matriz culpabilizante. Homens, mulheres e crianças, nesse contexto, foram subtraídos da espontaneidade das sensações físicas e do planejamento da própria existência, submetidos a uma série de códigos de conduta e critérios moralizantes que operaram o mapear de todas as suas relações sociais – assim como a relação consigo próprios, através de um discurso interior rígido e disposto a identificar o pecado mesmo no pensamento.

Culpa, medo e pecado, por tudo isso, atravessam a constituição do sujeito medieval, imerso em uma pedagogia cristã austera e impiedosa, através da qual foram educadas crianças de todas as idades. A sobrevivência desse discurso educacional, nos séculos seguintes, demonstra a eficácia da transmissão dos conceitos de clérigos e monges medievais, protagonistas de experiências educativas assentadas sobretudo a partir do conflito do homem com sua própria natureza. A educação cristã na Idade Média, desse modo, legitima a formação de um sujeito atormentado pelos seus impulsos, envolvido por um imaginário carregado de demônios e cenários punitivos, e disposto a julgar-se sistematicamente – conduzido, finalmente, a uma posição social passiva e fragilizada.

NOTAS

¹ Doutor em Educação. Professor Adjunto da Universidade Federal do Tocantins, Área de Psicologia Educacional, Campus Miracema.

REFERÊNCIAS

BASCHET, Jérôme. Diabo. In: LE GOFF, Jacques & SCHMITT, Jean-Claude (coord.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. v. 1. Bauru, SP: EDUSC; São Paulo, SP: Imprensa Oficial do Estado, p. 319-331, 2002.

CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

COSTA, Ricardo. A educação infantil na idade média. [Online]. In: LAUAND, Luiz Jean (Coord.). **Revista Videtur**, n.17. Porto: Editora Mandruvá/Faculdade de Educação da USP, 2002, p. 13-20.

COSTA, Ricardo. A morte e as representações do além na idade média: inferno e paraíso na obra doutrina para crianças (c. 1275) de Ramon Llull. In **Anais Eletrônicos do IV Encontro da ANPUH-ES – História, Representações e Narrativas**. Vitória, 2003.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no ocidente: 1300-1800 – uma cidade sitiada**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DELUMEAU, Jean. **O pecado e o medo: a culpabilização no Ocidente** (Vol. I e II). Bauru, SP: EDUSC, 2003.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **Civilização medieval**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

LE GOFF, Jacques. **O imaginário medieval**. Lisboa: Estampa, 1994.

LE GOFF, Jacques. **A civilização do ocidente medieval**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

LE GOFF, Jacques; & SCHMITT, Jean Claude. **Dicionário temático do Ocidente Medieval**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

LLULL, Ramon. (1274-1276). Das 7 virtudes que são os caminhos da salvação e Dos 7 pecados mortais pelos quais o homem vai à danação perdurável. [Online]. In **Doutrina para crianças**. Tradução Prof. Dr. Ricardo Costa – UFES e Grupo de Pesquisas Medievais da UFES III. Disponível em: <http://www.ricardocosta.com/>

MANACORDA, M. A. **Historia da educação: da antiguidade aos nossos dias**. São Paulo: Cortez, 2001.

Sociedade Bíblica Católica Internacional. **A Bíblia Sagrada**. São Paulo: Edições Paulinas, 1990.

Recebido em 15/10/2012

Aprovado para publicação em 11/05/2013